

OUROESTE

HISTÓRIAS QUE VALEM OURO!







APRESENTAÇÃO

Ouroeste, terras que valem ouro, hoje já pode contar com um livro de memórias de vida de pessoas que contribuíram na construção da história dessa cidade.

Mobilizados por seus professores, 315 alunos da EMEF Ouroeste desenvolveram, ao longo do ano, o projeto “Todo Lugar Tem uma História pra Contar”, dando luz às trajetórias de vida dos habitantes dessa localidade, que se disponibilizaram a serem entrevistados e contaram os caminhos percorridos até chegarem a Ouroeste e ali permanecerem.

Os que ali nasceram viram a cidade crescer e se transformar, oferecendo, por meio da entrevista, uma visão histórica aos alunos e professores.

Afinal, esse projeto conseguiu dar voz a pessoas comuns, compartilhando histórias que, de outro modo, não seriam conhecidas de um público maior. Somadas e articuladas, as histórias de todos constroem o nosso tempo, não é mesmo?

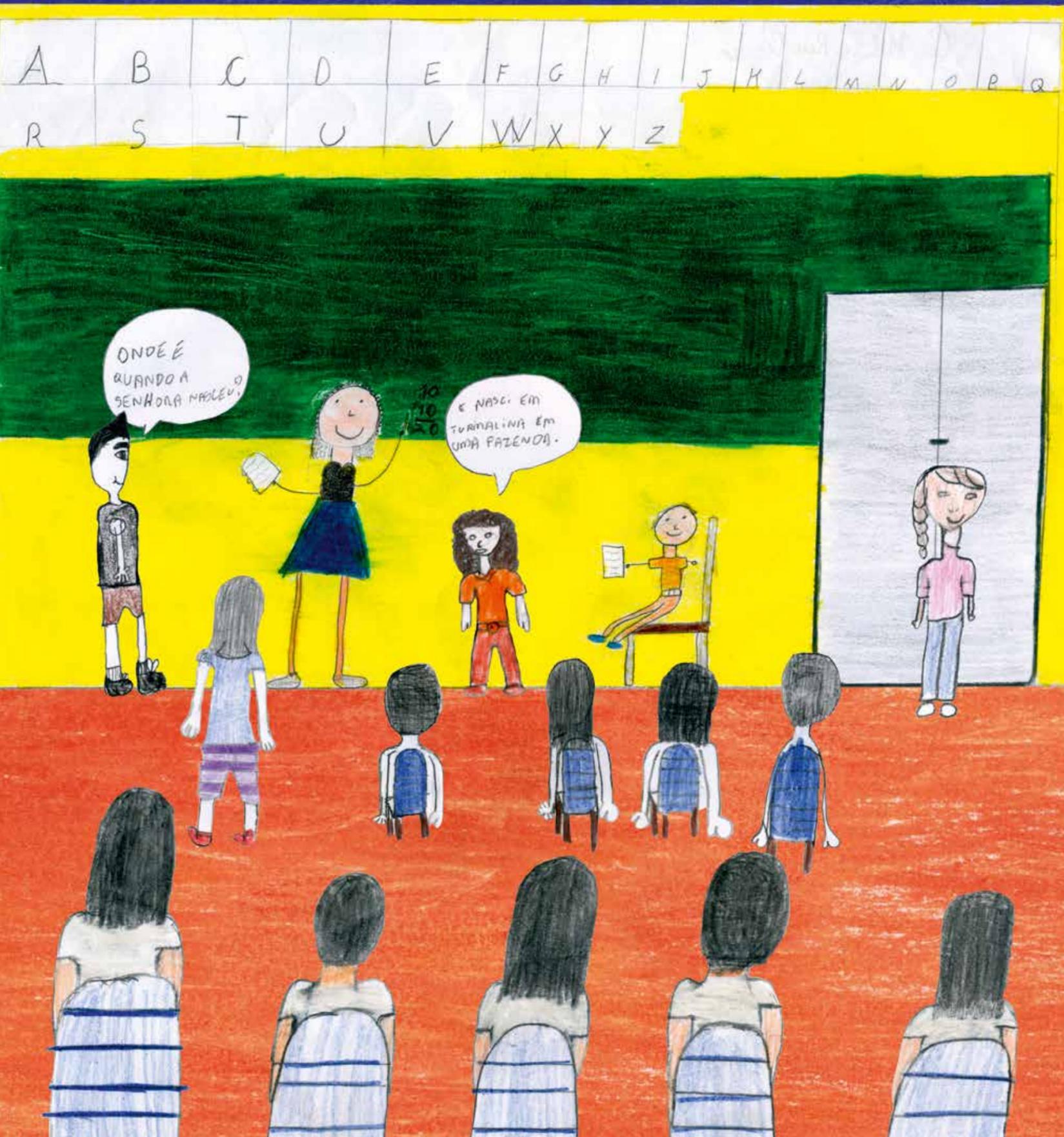
Conhecer histórias de pessoas comuns nos oferece um olhar múltiplo para a História, para o passado, para o presente, para a cidade e para um universo ainda mais amplo.

Esperamos que as múltiplas e possíveis leituras de cada história que integra este livro *Ouroeste - Histórias Que Valem Ouro* possam despertar em você, leitor, um olhar para sua própria história de vida e que, assim, você se dê conta do ser histórico que também é!

Esta ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2018 (Pronac - 17.7422) realizado pelo Ministério da Cultura, através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo Instituto Museu da Pessoa, com patrocínio da AES Tietê.

Boa leitura!

Museu da Pessoa



CARO LEITOR,

A valorização da história de uma comunidade pelo resgate e registro das tradições orais, envolvendo antigos moradores, crianças e profissionais da educação pública, é uma forma de promover o acesso à cultura e, assim, contribuir para a formação plena de cidadãos.

A AES Tietê, ao apoiar o projeto "Todo Lugar Tem uma História para Contar", acredita que essa iniciativa impulsiona na comunidade o orgulho de pertencer a esse município, o que potencializa transformações positivas na qualidade de vida de seus habitantes.

Em parceria com o Museu da Pessoa, agradecemos a todos os envolvidos no projeto que se dedicaram às formações, entrevistas, desenhos, fotos e textos, de forma que esta publicação se tornasse um registro fiel a Ouroeste.

Convidamos você a conhecer e a compartilhar essas histórias, que desta forma serão eternizadas.

Boa leitura!

AES Tietê



VIDA NA

ROÇA

Falta de energia elétrica, quilômetros percorridos a pé pra chegar à escola, fugir da chuva, trabalho na lavoura, lama, roupa de saco remendado, nada disso impediu que esses entrevistados vivessem uma infância repleta de boas memórias da vida na roça.

Em meio a todas as dificuldades enfrentadas, essas vidas se misturam e se identificam no jogar bolinha de gude, nadar, pescar, jogar bola, estudar na Sansara e tantas brincadeiras mais que fizeram da roça um lugar de boas recordações. Um lugar de brincar.

Quem sabe você, leitor, ao ler essas histórias, também não possa viajar em suas próprias memórias!



“Corguinho”

Ainda criança, Seu Joaquim e seus pais trabalhavam em Ouroeste, na roça.

Ele gostava de nadar no “corguinho”, brincar de biruca, soltar pipa, jogar futebol, brincar de pega-pega e andar de bicicleta.

Estudava numa escola do sítio, ao lado do “corguinho”. Lá tinha bancos de madeira, sua mochila era feita de saco de arroz, sua roupa também era feita de saco remendado e o sapato não podia molhar, senão desmontava. Ele ia de caminhão pra escola e, às vezes, chegava todo sujo de terra. Sua mãe deixava uma marmita embaixo da árvore para ele comer quando chegasse e depois fosse trabalhar na roça. Seu prato favorito era e é ainda macarrão. Acredita que antigamente a comida era mais gostosa.

Estudou em Guarani d’Oeste e, quando foi inaugurado o ginásio, em Ouroeste, ele foi um dos primeiros alunos da escola. O professor Sansara, que dá nome à escola, foi seu professor e era muito bravo!

Em Guarani d’Oeste, entre amigos, conheceu sua esposa, Catarina, e todo fim de semana ia de bicicleta namorar. Se casou com 22 anos. Trabalhava como servente de

pedreiro construindo as casas da Cesp. Seu patrão quis levá-lo para São Paulo, mas ele não aceitou e, em 1979, foi morar em Porto Primavera.

Antigamente, a cidade tinha as ruas de terra, não tinha hospital e, quando não se sentia bem, tinha que procurar auxílio na farmácia. Quando seu pai passou mal, teve que levá-lo à farmácia primeiro e só depois para o hospital em Indiaporã, onde veio a falecer.

Teve quatro filhos, três meninos e uma menina, mas infelizmente a menina, que foi sua segunda filha, nasceu morta. Todos os seus filhos cresceram em Ouroeste. Em julho de 2017, sua mulher faleceu. Estavam havia 40 anos casados e, se precisasse, casaria de novo com ela. Um ano depois, voltou a ficar triste, porque seu filho mais velho faleceu.

Hoje, mora só com o filho mais novo, pois seu filho do meio é casado. Sua vida é um pouco difícil agora, mas vai levando. Ele e o filho cozinham em casa e cozinham muito bem, mas Seu Joaquim é o melhor cozinheiro.

Considera-se um homem de muita fé e adora ir à igreja. Também gosta de jogar futebol e é assim que se diverte hoje em dia. Visita sempre sua mãe, que tem 90 anos.

Acredita que sem estudo ninguém é nada.

Joaquim Alves da Silva nasceu em 17 de março de 1956, na cidade de Andradina (SP). Tem nove irmãos, que moram em cidades diferentes





AUGUSTO

SA PATARIA DO
AUGUSTO VARGA

Entre sonhos e bolinha de gude

Na cidade de Poloni (SP), córrego do Balso, há 80 anos, nascia Augusto Varga, cuja família é de origem espanhola.

Viveu sua infância no sítio, com seus cinco irmãos, onde brincava de bolinha de gude, ouvia histórias que seu tio contava e ajudava seu pai a trabalhar na lavoura de café.

Não teve oportunidade de frequentar a escola, somente na idade adulta. Ainda assim frequentou apenas por alguns meses.

Sempre teve o sonho de mudar para a cidade. Foi para São José do Rio Preto já adulto e, logo depois, veio para Ouroeste.

Em Ouroeste, trabalhou com seu irmão Antônio Varga como sapateiro e, depois, como comerciante.

Trabalhou na Prefeitura de Guarani D'Oeste, sendo transferido, após algum tempo, para a Prefeitura de Ouroeste, onde se aposentou no ano de 2004.

Para o Sr. Augusto, o que existe de mais importante é sua família. Casou-se em 1962 com Dona Josefa, teve cinco filhos e tem três netos.

Seu prazer nesta fase da vida é estar junto com sua família e amigos.

Augusto Varga nasceu no dia 23 de agosto de 1938. É aposentado e reside em Ouroeste.

CARLOS



À luz de lamparina

Filho de Joaquim Candido Neto e Dona Magdalena Picchi Candido, Carlos vivia em um sítio com seus pais e os cinco irmãos.

Começou a trabalhar muito cedo. Trabalhava na roça com sua família e, à tarde, ia para a escola a pé, andando cerca de 3 quilômetros.

Gostava muito de jogar bola, brincava de estilingue, salva-pegas e adorava pescar. À tardezinha, depois de jantar, sentava com a família toda fora da casa e ficavam ouvindo as histórias que seu pai contava. Não havia energia elétrica e eles usavam lamparina a querosene.

O seu primeiro trabalho foi na agricultura, ajudando os seus pais na lavoura. Em 1980, começou a trabalhar na antiga Usina de Água Vermelha, da Cesp, atualmente AES Tietê, onde ele é técnico em eletricidade.

O seu maior sonho foi realizado: constituir uma família e ter um trabalho.

O que mais gosta de fazer hoje é cuidar da sua família e ajudar na educação de sua netinha Lívia.

Agradece a Deus por ter um emprego com o qual traz o sustento para a sua família.

Carlos Candido Ribeiro nasceu na cidade de Fernandópolis, no Estado de São Paulo, no dia 12 de novembro de 1959.



Vaza embora logo, vai chover!

A infância de Odair foi simples e humilde. Morava em uma fazenda com os pais, próximo a Guarani d'Oeste. Brincava de bolinha de gude, bola de meia e esconde-esconde com seus vizinhos.

Estudou onde hoje é a padaria do Mané: antes, uma casa velha; hoje, escolinha de uma classe só, chamada Sansara.

Como em Ouroeste não tinha ginásio, com 12 anos foi estudar em Indiaporã. Ia de charrete com um amigo, porém o cavalo morreu, porque estava muito velho e cansado de andar 10 km todos os dias. Conseguiu, então, uma bicicleta velha e, quando chovia, o diretor da escola dizia: "Vaza embora logo, vai chover!"

Com 16 anos montou seu primeiro bar. Era bem simples e pobre, pois não tinha dinheiro. Aos 20 anos, foi convidado para trabalhar na prefeitura de Guarani D'Oeste e, nas folgas, ajudava o pai no bar. Logo largou a profissão, ficando só com o comércio. Permanece como comerciante, dono de um supermercado, até os dias de hoje.

Seu Odair entende que é preciso fazer aquilo de que se gosta, pois assim será feito com amor.

Odair Maticolli de Jesus tem 68 anos e nasceu em Balsamo. É formado em Administração de Empresas Públicas e Privadas.

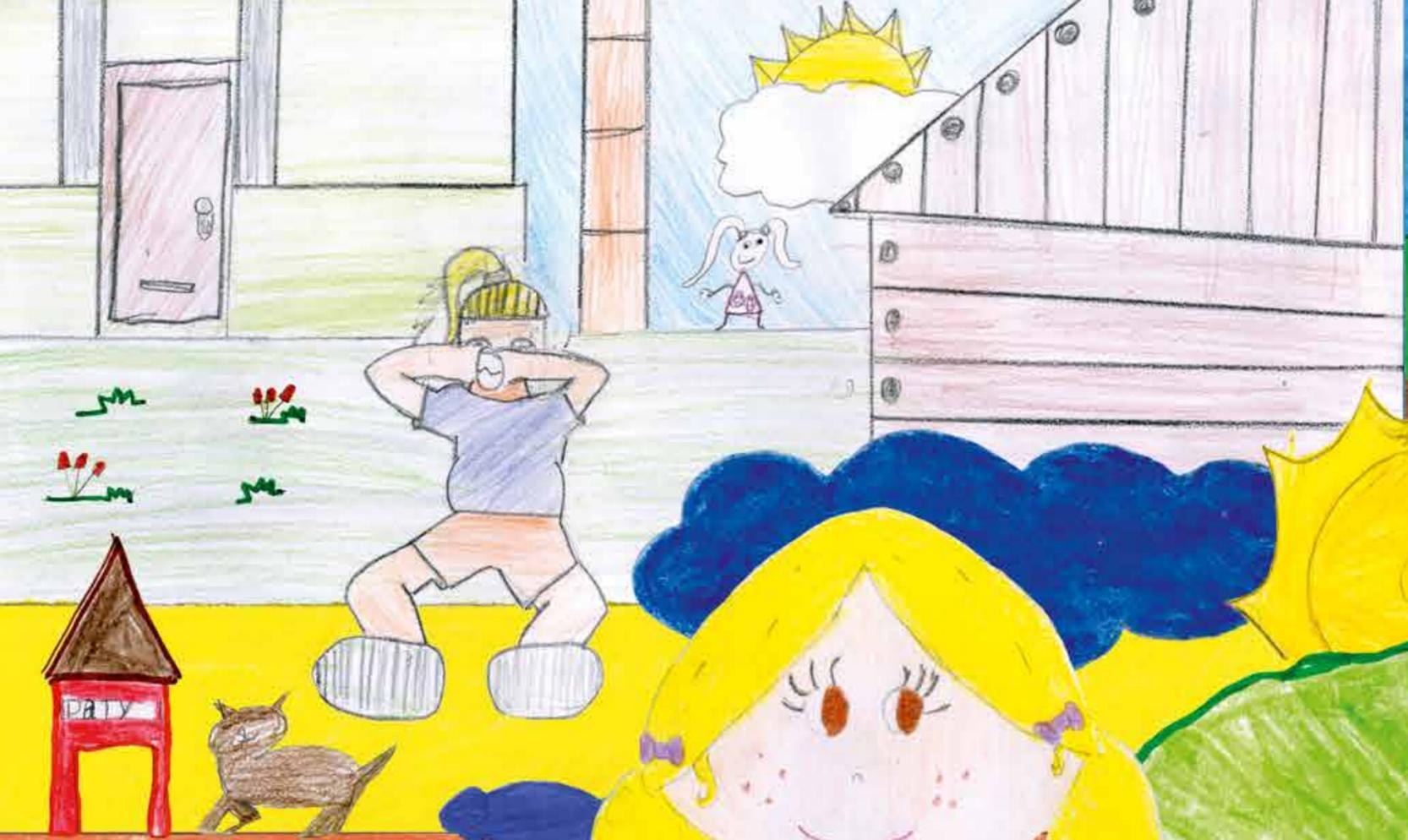


TRAVESSURAS

Quem não se lembra das pequenas ou grandes travessuras dos tempos de infância?

Brincadeiras, repletas de imaginação e criatividade, se traduzem em cenas que levam o leitor a construir uma imagem do local e das travessuras vividas pelos contadores dessas histórias.

Mas travessuras fazem parte somente da infância? Pode haver travessuras na juventude? Isso existe? Podem ser chamadas assim?



BEATRIZ

Traquinagens

Beatriz sempre gostou de animais. Quando era criança, fazia muitas artes, e uma delas era quebrar os ovos das galinhas que ficavam no galinheiro da sua casa, só para ver os pintinhos se mexerem.

Também subia nas árvores, pois naquela época tinha mais frutas nas árvores do que no mercado para comprar.

Um dia, ela ganhou um presente do seu marido: um cachorrinho a que ela deu o nome de Paty. Foi esse cachorrinho que a ajudou a superar um momento muito difícil em sua vida.

Ser filha de um ex-prefeito de Ouroeste teve seu lado negativo e positivo. O lado negativo era escutar as pessoas criticando o seu pai – ela não gostava nada disso. E o lado positivo é que ela sente muito orgulho de seu pai, pois considera que ele fez muito pelo município.

Beatriz Cruz Vargas Brugnoli tem atualmente 58 anos.





Tocando galinhas

Pedro Martelo Coqueiro herdou o sobrenome de origem italiana de sua mãe e Coqueiro de seu pai, que era baiano. Aos 2 anos mudou-se para a cidade de São João de Iracema. Hoje, na cidade de Ouroeste, é padre da comunidade.

Sua família era muito humilde e morava em uma colônia, por isso seus pais não tinham dinheiro para comprar brinquedos caros. Sendo assim, ele usava de criatividade em suas brincadeiras, tocando as galinhas, montado em um cabo de vassoura, como se elas fossem ovelhas. Usava bucha caipira para fazer “vaquinhas” e brincar.

Na sua infância e juventude, frequentava muito a igreja, mas tinha medo do padre, pois ele era muito rígido. Um dia, em uma missa, esse padre passou a mão em sua cabeça dizendo que, quando fazia isso com algum menino, ele se tornava padre também. Pedro, preocupado, disse para a avó avisá-lo de que não queria ter essa pro-

fissão, queria se casar e ter filhos como seu pai e seus irmãos. Apesar disso, quando estava mais velho, sentiu que tinha sido escolhido por Deus e assim tornou-se uma pessoa realizada. Hoje considera as crianças de sua comunidade como seus próprios filhos.

Padre Pedro ajuda e participa da vida das pessoas, mas pensa que só se deve entrar na privacidade de quem permite.

Diante da vida que leva, é uma pessoa muito grata a Deus pelo papel que exerce e considera que, para ser bem-sucedido, é preciso gostar do que faz, seja um pai de família ou um padre.

Pedro Martelo Coqueiro tem 52 anos. Nasceu no Córrego do Boi, entre Palmeira d'Oeste e Aparecida d'Oeste, no dia 27 de junho de 1966.





O pato e o mandruv

Sueli nasceu e foi criada em uma fazenda no município de Turmalina, interior de São Paulo.

Embora muito tímida, teve uma infância muito feliz onde morava, mas foi nesse mesmo lugar que também adquiriu um grande trauma. Certa vez, ao correr atrás de um pato, acabou com um mandruv em suas costas.

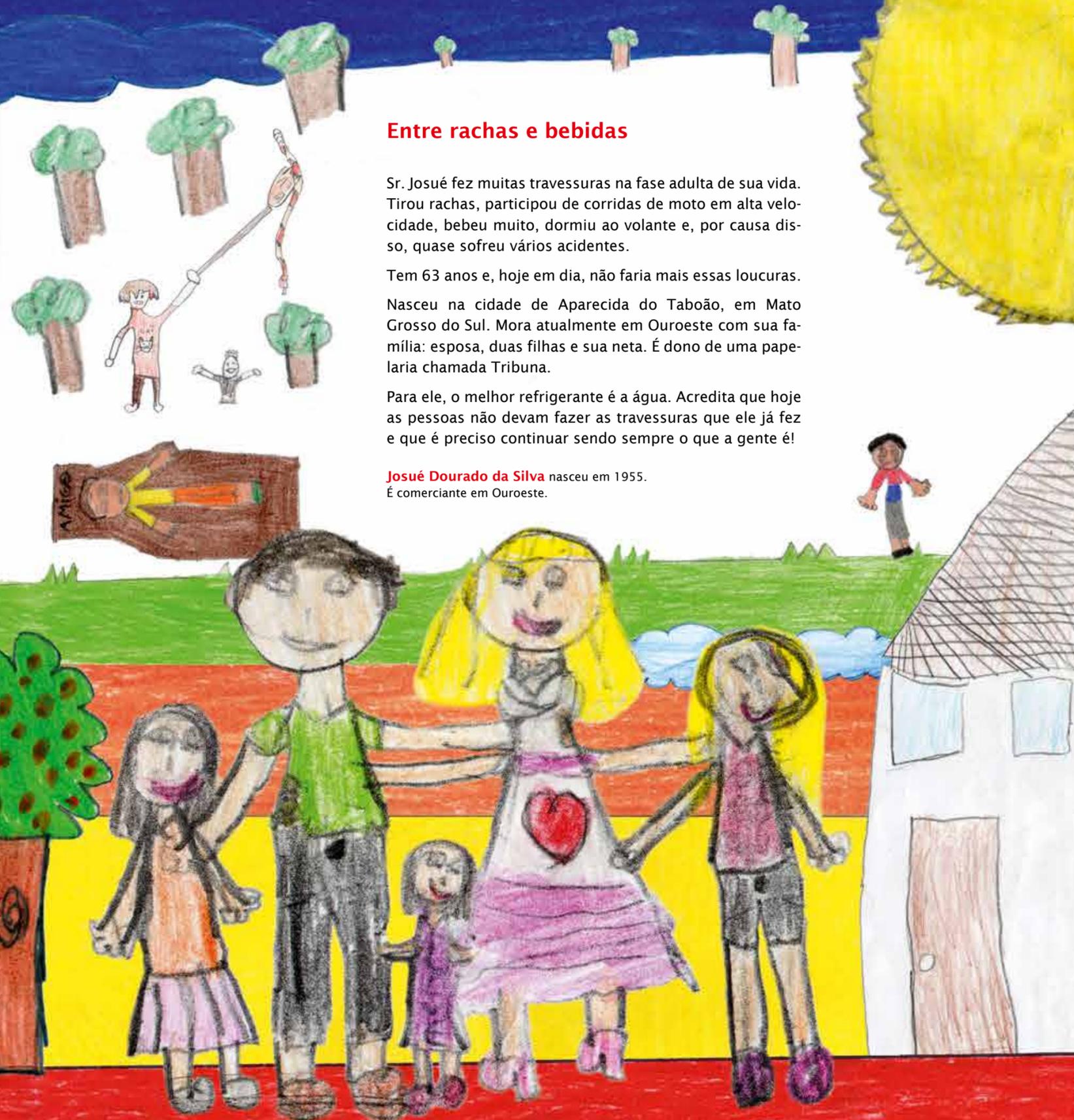
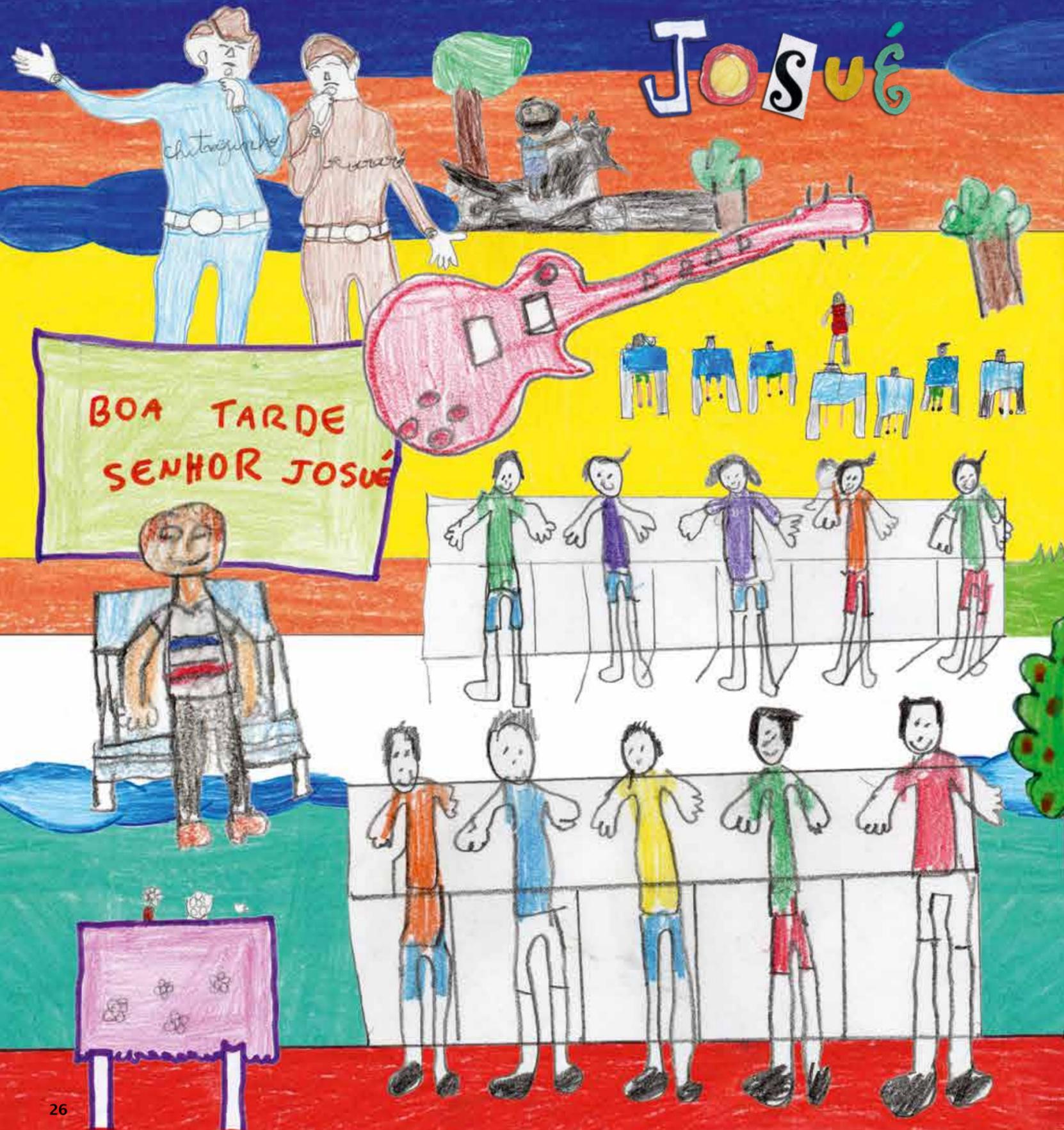
Frequentava bailes, pois gostava muito de dançar. Conheceu João, seu marido, tiveram dois filhos, residiram por sete anos em Turmalina, depois mudaram-se para Ouroeste, onde permanecem até hoje.

Cursou faculdade de Educao Artística na Instituo Faficle, de Jales, e ser professora ajudou a superar sua timidez.

Atualmente,  aposentada e se tornou av. Sente-se realizada e feliz por ter contribuído para a formao de muitas crianças e jovens.

Sueli Maria da Silva Sanches tem 52 anos e três irmãos.

Josué



Entre rachas e bebidas

Sr. Josué fez muitas travessuras na fase adulta de sua vida. Tirou rachas, participou de corridas de moto em alta velocidade, bebeu muito, dormiu ao volante e, por causa disso, quase sofreu vários acidentes.

Tem 63 anos e, hoje em dia, não faria mais essas loucuras.

Nasceu na cidade de Aparecida do Taboão, em Mato Grosso do Sul. Mora atualmente em Ouroeste com sua família: esposa, duas filhas e sua neta. É dono de uma papelaria chamada Tribuna.

Para ele, o melhor refrigerante é a água. Acredita que hoje as pessoas não devam fazer as travessuras que ele já fez e que é preciso continuar sendo sempre o que a gente é!

Josué Dourado da Silva nasceu em 1955. É comerciante em Ouroeste.



S O N H O S

E REALIDADES

Agir com o coração é não desistir dos sonhos.

É isso que se pode ler nas entrelinhas dessas pequenas histórias repletas de vida.

Impulsionados pelo desejo de realizar seus sonhos, mesmo com tantos empecilhos, as próximas histórias contam como os entrevistados chegaram a ocupar o lugar que ocupam hoje e a ser quem são.



Garrafadas

Sr. Almiro trabalhou a vida toda na roça com seus pais e irmãos.

Seu aprendizado com ervas medicinais veio de seus avós e bisavós, que lhe passaram todo o conhecimento que possuíam. Mas ele também aprendeu muito lendo livros. Tudo o que sabe e o que usa é comprovado cientificamente.

Embora sua família não aprovasse seu ofício, sempre fez o que teve vontade e o que seu coração mandava.

Ele plantava - e ainda planta - ervas em sua casa, buscando em outras localidades, matas e pastos as que não encontrava por perto ou aquelas a que não tinha acesso.

Alguns conhecidos também indicavam onde encontrá-las e ele saía em busca. Fazia, então, garrafadas e chás para as pessoas que o procuravam, estando sempre à disposição de alguém que delas precisasse.

Seus filhos e netos não quiseram aprender seu ofício.

Sr. Almiro estudou apenas seis meses. Entende que hoje as crianças têm o que ele não teve no seu tempo de infância e acredita que as crianças devem agir com o coração.

Almiro Bernardes da Silva tem 91 anos, nasceu na Bahia e mora, desde 1995, em Ouroeste.





Bagi

O apelido “Bagi” surgiu quando Sr. Milton era pequeno, porque ele ficava comendo “bagi” de feijão, embaixo do pé de feijão andu.

Aos 3 anos de idade, sofreu paralisia infantil e, aos 5, quando ele mais precisava da mãe, seus pais se separaram e ela se mudou para outra cidade. Desde então, foi criado e educado por sua avó.

Cresceu amando jogar bola. Nem sua deficiência tirou seu sonho. Quando estava na 4ª série, ganhou um par de chinelos de sua professora para usar nas mãos para jogar do seu jeito.

Na primeira oportunidade, abriu uma escola de futebol para treinar crianças, onde treinou Marcelo Matos. Nessa época, conseguiu uma oportunidade de levar o garoto para Mirassol, onde teria a chance de treinar em um time que abriria as portas para se tornar um jogador profissional no futuro.

Procurou ajuda com o prefeito de Ouroeste, mas não conseguiu. Não desistiu. Pegou o pouco dinheiro que tinha e comprou umas fichas telefônicas para ligar para o prefeito Macarrão, de Mira Estrela. Como ele não alcançava o telefone, devido à sua deficiência, pediu para Marcelo Matos ir até o orelhão, discar e passar o telefone para ele conversar com o prefeito para pedir ajuda. O prefeito prontamente atendeu seu pedido. Bagi tem grande orgulho desse fato.

Atualmente tem uma escola de futebol com o nome de Real Bagi, onde treina as crianças com muito amor e dedicação.

Milton Barbosa da Silva, conhecido como Bagi, nasceu e foi criado na cidade de Ouroeste, interior de São Paulo. Tem 55 anos.





Arte no bar

Seus pais moravam em uma casa de pau a pique, em uma fazenda na pequena cidade do Arabá, distrito de Ouroeste. Sua mãe entrou em trabalho de parto, em uma época em que quase não existiam hospitais, e os que havia eram muito distantes. Então, o nascimento de Paulo foi em casa.

Viveu sua infância ali mesmo e quase não tinha muito com o que brincar. Passava a maior parte do tempo jogando bolinha de gude, pescando ou tomando banho no riacho.

Na juventude, mudou-se para Ouroeste, deixando um pequeno distrito e vindo morar em uma cidade. Essa fase de sua vida foi marcada pelas dificuldades para estudar.

Gostava muito de ir a um barzinho que tinha na cidade. Ali passava horas, e foi nesse bar que conheceu um negrão bonito, nariz fino, também frequentador do local. Ele bebia muito, mas, mesmo estando alcoolizado, desenhava pessoas e várias outras coisas, todas muito lindas, que Paulo admirava. Ele o considerava um artista. Essa experiência deu estímulo para o início de sua carreira e, desde então, Paulo nunca mais parou com suas atividades artísticas.

Sente saudade de quando era criança, de construir seus carrinhos de pau, das pescarias com os amigos e também de seus avós.

Sua vida adulta é muito cheia de ocupações. É funcionário da prefeitura no setor artístico. Ajudou na construção do brasão, símbolo da bandeira do município, e teve que estudar muito para poder retratar a verdadeira história nesse brasão. Ouroeste tem esse nome pelo fato de que essas terras valem ouro.

Paulo Pedroso de Freitas tem 58 anos, é casado, pai de dois filhos e se considera um adulto brincalhão.



NELSON



Regras

A infância do Sr. Nelson foi simples e com muitas regras. Antigamente, as professoras colocavam os alunos de castigo e usavam régua de madeira.

Foi vendedor de cereais e sempre ganhava o título de melhor vendedor do mês. Com o tempo, tornou-se o dono do comércio.

Diante de sua popularidade, veio a se candidatar a prefeito na cidade de Ouroeste. Por quatro vezes, foi eleito e considera ter feito muito pela cidade, conseguindo melhorar as ruas, a praça e o hospital, além de ter construído conjuntos de casas para as famílias carentes.

É uma figura muito conhecida em Ouroeste, pois em seus mandatos eradicou as casas de pau a pique, oferecendo materiais e mão de obra aos moradores. No lugar das casas antigas surgiram casas de tijolos, o que mudou a vida das pessoas.

Nelson Pinhel é natural de Fernandópolis. Nasceu no dia 2 de março de 1944.

Instituto Museu da Pessoa.Net

Diretora-presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Instituto AES

Diretor Presidente
Ítalo Freitas

**Gerente de Relações Institucionais,
Comunicação e Sustentabilidade**
José Antônio Martins

Analistas de Investimento Social
Núbia Kikuchi e Renata Monteiro Costa

Prefeitura Municipal de Ouroeste

Prefeita Municipal
Livia Luana Costa Oliveira

Vice-Prefeito
Nelcides de Oliveira Rodrigues

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Secretária
Sônia Maria Quirino de Biazi

Supervisoras
Lilian C. Herrera Timporin (Estadual)
Graciella da Silva Ruvieri (Municipal)

Projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar – Ouroeste, 2018

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Gestão do Projeto
Renato Herzog

Produção
Ane Alves

Formadora
Alessandra Ancona de Faria

Escolas Participantes

EMEF Ouroeste

Professoras

Adriana Flavio Macedo – Arte
Anelise Maria N. Dourado – 5º ano D
Aparecida Alves de Oliveira Guimarães – 5º ano C
Cintia S. Pereira – 3º ano B
Geraci Aparecida da Silva Poderoso – 3º ano E
Grazieli Fernanda Baldan Manquinho – Arte
Helena Angela Dias Medeiros – 4º ano D
Iranilda Maria dos Santos – 4º ano E
Lourdes Aparecida da Silva Gonçalves – Readaptada
Luciana de Souza Rodrigues – Arte
Marcia Cristina Alessio – 5º ano B
Maria da Silva Carvalho Scatena – 5º ano A
Maria Jacinta da Silva Brugnoli – 4º ano B
Micheli Regina de Assis Lemos – 4º ano E
Rosana da Silva Costa – 4º ano C
Rita de Cássia Gouveia Ribeiro – 4º ano A
Sibele Aparecida Velini Brito – 3º ano D

Diretora

Christiane Costa Amancio Hatayama

Coordenadoras

Célia Regina Ferreira de Marqui (4º e 5º anos)
Gláucia Aparecida Oliveira (1º ao 3º ano)

Entrevistados

Almiro Bernardes da Silva
Augusto Varga
Beatriz Cruz Vargas Brugnoli
Carlos Candido Ribeiro
Joaquim Alves da Silva
Josué Dourado da Silva
Milton Barbosa da Silva
Nelson Pinhel
Odair Manticolli de Jesus
Paulo Pedroso de Freitas
Pedro Martelo Coqueiro
Sueli Maria da Silva Sanchez

Publicação Ouroeste – Histórias Que Valem Ouro!

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Lia Cristina Lotito Paraventi

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama

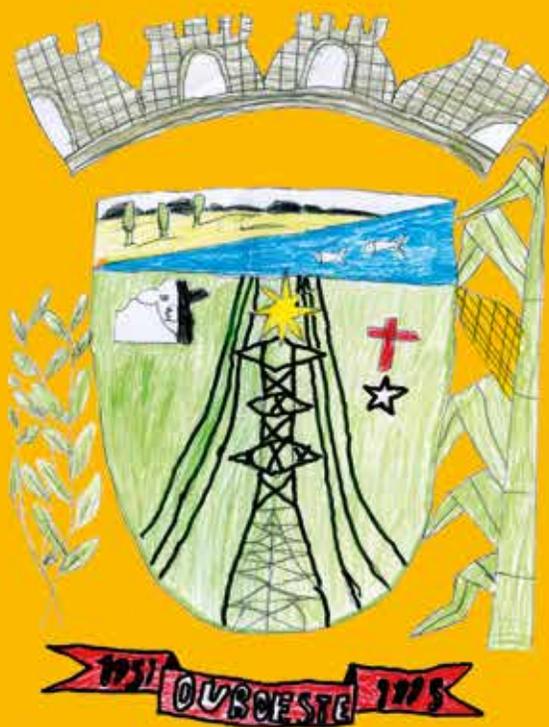
Produção
Ane Alves

Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas
Renato Theobaldo

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos
Alunos participantes do projeto



Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

